Hoje completa 30 dias desde a morte do cacique Merong Kamakã, cujo corpo foi encontrado no início da manhã do dia 04.03.24 em sua casa, no Território Multiétnico Kamakã Mongoió, localizado no Córrego de Areia em Brumadinho/MG. A área é ocupada e reivindicada desde outubro de 2021 pelos indígenas.

No corpo de Merong havia marcas de enforcamento e a causa da morte ainda segue em investigação, apesar do laudo pericial indicar suicídio. Embora o suicídio seja alarmante entre os povos indígenas, com incidência quase três vezes maior do que a verificada dentre a população não indígena[[1]](#footnote-0), há suspeitas de outras causas em função das disputas envolvidas na luta pela demarcação do território. Existem relatos de amigos e familiares sobre ameaças sofridas por Merong por liderar a retomada da terra, tendo a própria liderança, ainda em vida, relatado intimidações por funcionários de empresas da região e agentes estatais.

Merong foi uma importante liderança do povo Kamakã Mongoió, etnia pertencente ao coletivo étnico dos Pataxó Hã Hã Hãe. Nascido em Contagem/MG, a liderança percorreu diversos estados brasileiros na luta junto ao movimento indígena, especialmente no Sul do país, em apoio aos seus parentes Kaingang, Xokleng e Guarani. Ao longo de sua trajetória, colaborou para o reflorestamento da Psicologia, com a generosidade de compartilhar suas experiências de resistência e saberes tradicionais junto a estudantes e pesquisadoras/es da área, como as articulações realizadas junto à Coletiva Urucum e Girassol e ao Núcleo de Pesquisa, Ensino e Extensão Conexões de Saberes - UFMG, indicadas na nota publicada[[2]](#footnote-1) na qual explicita a sua participação em disciplinas e seminários: “A voz de Merong ecoou nos estudantes e na equipe docente durante todo o processo de formação, dentre elas, a frase: Nós não precisamos de dinheiro, não comemos dinheiro, nós precisamos de terra para plantar.” A liderança contribuiu, assim, para formação de uma geração de profissionais e psicólogas/os/es comprometida com a luta antirracista e com a defesa dos direitos dos povos originários.

Sua partida precoce e inesperada é uma grande perda não apenas para o seu povo, como também para o movimento indígena e todos os povos originários do Brasil, conforme manifestações de solidariedade divulgadas por diversas organizações indígenas e instituições indigenistas, a exemplo da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib)[[3]](#footnote-2) e do Ministério dos Povos Indígenas[[4]](#footnote-3).

Desde a data do falecimento de Merong, a comunidade e apoiadoras/es se organizavam para realizar o sepultamento, ou como os povos indígenas nomeiam, o plantio do corpo da liderança no território. Contudo, ao final do dia 05.03.24, foram surpreendidos por uma decisão judicial determinando o impedimento do sepultamento do corpo de Merong no Território Multiétnico Kamakã Mongoió. O pedido de suspensão ocorre em um contexto de acirramento das lutas por terra e território, inclusive com denúncias de ações articuladas entre mineradoras e forças de segurança locais. Segundo a Comissão Pastoral da Terra, Merong foi sepultado em uma área de reflorestamento na madrugada de quarta-feira (06).

Pelo exposto, manifestamos nossa solidariedade aos povos indígenas, especialmente aos Kamakã Mongoió e à família de Merong, neste momento de intensa tristeza e sofrimento. É devastador que os povos indígenas tenham que continuamente experienciar a morte de seus parentes, sejam por homicídio, negligência e/ou suicídio. A Comissão de Direitos Humanos do Conselho Federal de Psicologia reconhece que as circunstâncias, as condições precárias de vida em que são historicamente submetidos os povos indígenas, principalmente pela expulsão e negação do direito aos territórios sagrados, dimensão imprescindível da existência e saúde indígena, têm reverberações na saúde mental e nas possibilidades de bem viver desses povos, produzindo um cenário onde o auto-extermínio é também uma forma social de produção da morte não apenas de sujeitos, mas de culturas inteiras.

Ainda, manifestamos a reivindicação do direito ao luto e à memória dos povos indígenas. Que a comunidade Kamakã Mongoió tenha resguardada a opção por plantar o corpo de Merong no território e cultivar seus ritos aos mortos conforme seus modos cosmológicos de organização. A memória, bem como a reverência ancestral, são direitos que não podem ser furtados dos povos originários. A dor pela perda diante dessa interdição se agudiza pela desigualdade e pelo desrespeito às concepções étnico-culturais que são fundamentais para elaboração do luto.

É urgente que grupos étnico- raciais historicamente oprimidos tenham seus direitos básicos resguardados como forma de proteção à vida e prevenção à morte, seja por suicídio ou outras causas evitáveis como a violência armada, a execução de lideranças e de defensores e defensoras de direitos humanos. Por fim, reafirmamos o compromisso ético e político da Psicologia em apoiar as lutas que as diversas etnias enfrentam no país, de modo que psicólogas/os/es possam, juntamente aos povos indígenas, contribuir para a promoção do bem viver.

1. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/documentos/e-muita-terra-pra-pouco-indio-ou-muita-terra-na-mao-de-poucos-conflitos> [↑](#footnote-ref-0)
2. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C4ImzNaO4_q/?igsh=YTF6aTBvbWRmdDZs&img_index=1> [↑](#footnote-ref-1)
3. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C4GgDgUvWlQ/?igsh=czJzYXU3ODJzeXZr> [↑](#footnote-ref-2)
4. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C4JUvtnvnf1/?igsh=dTFzdTg1b211OXNq> [↑](#footnote-ref-3)